



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A PROFESSORA-MULHER E A MULHER-PROFESSORA: O FEMININO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOCENTE

Camila Carrari Dornelas¹

Filomena Elaine Assolini²

Resumo: A profissão docente tem se constituído historicamente guardando estreita relação com o gênero feminino. Tal relação é atravessada por componentes ideológicos e inconscientes. Através do discurso, acreditamos ser possível acessar o que há de singular no sujeito, ou seja, o inconsciente, assim como as marcas sociais e históricas que o caracterizam. Sendo assim, nesse trabalho, apresentamos um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, fundamentada nas contribuições das Ciências da Educação, da Psicanálise Freud-Lacanian e da Análise do Discurso de matriz francesa, como instrumento teórico-metodológico, que busca investigar de que forma o sujeito-professor se constitui e as possíveis relações que se estabelecem com a condição feminina.

Palavras-chave: Análise do Discurso Francesa, Feminino, Processos de Subjetivação Docente

Abstract: The teaching profession has been historically constituted maintaining a close relationship with the female gender. Such relationship has been permeated by ideological and unconscious components. We believe that through discourse it is possible to access what is unique in the subject, in other words, the unconscious and the social and historical marks which characterize it. Therefore, in this study we present part of an ongoing research master qualification, based on the contributions of Science Education, Freudian-Lacanian psychoanalysis and Discourse Analysis of French matrix as a theoretical and methodological tool in order to investigate what constitutes a teacher and the possible relations that are established with the feminine condition

Keywords: French Discourse Analysis, forms of subjectivization, Feminine, Subjectivation processes in teaching.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela FFCLRP-USP. Pesquisadora do GEPALLE. Email: carrari@usp.br

² Docente de cursos de Graduação e Pós-Graduação em Educação da FFCLRP-USP. Coordena o GEPALLE. Email: elainefdoc@ffclrp.usp.br



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

É conhecida a grande atuação da mulher na profissão docente. No início do século XX, devido à forte expansão industrial, o discurso sobre a importância do trabalho da mulher impulsiona as mesmas para determinados setores considerados apropriados para o seu sexo, como a saúde e a educação. O incentivo à participação da mulher nas escolas normais atendia os interesses das políticas públicas que postulavam a missão patriótica e civilizatória das mulheres atuantes como mães e educadoras. Com as dificuldades de acesso à educação e o ideário paternalista vigente, estudar e ter a possibilidade de reger uma classe tornou-se a única oportunidade de as mulheres continuarem seus estudos e de terem um pouco mais de visibilidade social. Inicia-se o processo denominado feminização do magistério (SILVA, 2002).

De acordo com Almeida (1998), do princípio até a metade do século, a vida social, as expectativas sobre a conduta das mulheres, as doutrinações religiosas da Igreja Católica, as implicações na sexualidade, o controle da feminilidade e as normatizações sociais, aliadas às exigências de casamento religioso, significavam uma exacerbada vigilância do corpo e da alma das mulheres. No entanto, para a autora, a necessidade de instruir-se e educar-se constituía um dos principais anseios para sua liberação e uma forma de alterar um destino imposto pela sociedade moralizante que se arquitetava nos padrões de uma época resultante de um rápido processo de urbanização.

Concernente a isso, sustentamos que, o fenômeno da feminização do magistério, se compõe muito mais complexo do que se possa, numa leitura mais superficial, parecer. A maciça presença da mulher na profissão docente - ainda nos dias atuais - ultrapassa questões de conjuntura apenas histórica, social e cultural, alcançando, também, outras esferas marcadas por capturas ideológicas e inconscientes, inerentes a todos os sujeitos. Considerando essas questões, apresentamos um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, fundamentada nas contribuições das Ciências da Educação, da Psicanálise freudo-lacaniana e da Análise do Discurso de matriz francesa (AD), como instrumento teórico-metodológico, que busca investigar de que forma o sujeito-professor se constitui e as possíveis relações que se estabelecem com a condição feminina. Destacamos que, em nossos estudos, procuramos



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

considerar a dimensão do sujeito, entendido por nós como assujeitado, interpelado, pela ideologia e descentrado, clivado pelo inconsciente. Assim, priorizamos a escuta do professor, tendo em vista que, para nós, os processos de subjetivação se dão na esfera do discurso, sendo nosso *corpus* de análise constituído por recortes de entrevistas realizadas com quatro professoras do Ensino Fundamental I e II, de uma escola municipal do interior de São Paulo.

Sujeitos discursivos: entre fios ideológicos e inconscientes

Tendo em vista que, nesse trabalho, buscamos discutir os processos de subjetivação das professoras participantes desse estudo, é necessário trazer a concepção de sujeito na qual nos pautamos, dentro do arcabouço teórico da AD e de algumas contribuições da Psicanálise.

Falar em sujeito do discurso implica dizer que esse se diferencia radicalmente de outros sujeitos, em outras vertentes teóricas. Ou, de outra forma, dizer que os processos de subjetivação ocorrem na esfera do discurso. Diremos, inicialmente, que a AD irá trazer a constituição de um sujeito apoiada na noção de sujeito althusseriana, que aponta o atravessamento da ideologia. E, demarcada pela Psicanálise, trará a noção de um sujeito descentrado, clivado, que postula o inconsciente como constitutivo desse sujeito, distante do sujeito racional, cartesiano. Podemos dizer ainda, que tanto na AD, quanto na Psicanálise, atravessando todo seu constructo teórico, subjaz o sujeito. Para as duas teorias, sujeito e linguagem são a porta de entrada para a compreensão dos processos que as constituem. Em ambas, reside também uma lacuna, uma falta, um efeito de incompletude do sujeito. No entanto, há, também, diferenças no desenvolvimento da categoria em cada uma delas.

Como colocado por Mariani (2003), Pêcheux, retomando Althusser, coloca inicialmente o efeito-sujeito como questão central em seu trabalho, incorporando o histórico-ideológico como constitutivos da materialidade significante. Já Jacques Marie Émile Lacan (1901-1981), psicanalista francês, trabalha o sujeito como efeito de linguagem. “Esse estatuto particular da AD e da Psicanálise, porém, não impede que conexões sejam feitas a partir de indicações teóricas formuladas no interior de cada campo” (MARIANI, 2003, p.59).

O sujeito da AD é um sujeito histórico, marcado por espaço e por tempo determinados. Como sua fala é produzida desse determinado lugar e tempo, a concepção de um sujeito histórico articula-se à concepção de um sujeito ideológico. Delinear o conceito de ideologia se



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

faz necessário, embora seja tarefa de caráter complexo, já que é um conceito composto por inúmeras nuances, por vezes confuso e controverso. Althusser (1996) irá relacionar o termo aos Aparelhos Ideológicos do Estado, justificando que, para que a classe dominante perpetue sua dominação, essa vem gerar mecanismos de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Para o autor, a ideologia é “uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (p.126). Como é uma relação imaginária, o homem cria e representa simbolicamente na sua relação com a realidade, no entanto, por ser simbólica e abstrata, acaba por se distanciar da realidade objetiva.

O que "os homens" "representam para si" na ideologia não são suas situações reais de existência, seu mundo real; acima de tudo, e sua relação com essas condições de existência que se representa para eles na ideologia. É essa relação que está no centro de toda representação ideológica, portanto imaginária, do mundo real. (ALTHUSSER, 1996, p.127)

Pêcheux (1988) avança essa proposição, discutindo o funcionamento da(s) ideologia(s) e a interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia e pelo discurso. Para o autor, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e se realiza através do complexo das formações ideológicas que “fornece a ‘cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas - aceitas - experimentadas” (p.162). Essa interpelação se dará pela identificação do sujeito com a formação discursiva (FD) que o domina, que o constitui como sujeito, e que, por sua vez, se reinscreverá no seu próprio discurso. Não existe homogeneidade na composição das formações discursivas, pois essas são constituídas por contradições. Palavras idênticas significam diferentemente ao se inscreverem em formações discursivas diferentes que, por sua vez, também se dão em condições de produção diferentes.

A FD está intimamente relacionada à noção de formação ideológica (FI), já que o discurso se constitui a partir dos efeitos de sentido produzidos, enquanto o que o sujeito diz, se inscreve em uma formação discursiva e não em outra que, por sua vez, representa no discurso as formações ideológicas. A formação discursiva é assim definida “[...] como aquilo que numa formação ideológica dada – a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2012a, p.43).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

No discurso dos sujeitos, “a materialidade concreta da instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas, que, ao mesmo tempo, possuem um caráter ‘regional’ e comportam posições de classe” (PÊCHEUX, 1988, p.146). Assim, a materialidade ideológica só é possível de ser apreendida a partir da materialidade linguística.

Ressaltamos que a ideologia é necessária na relação entre linguagem e mundo e a tarefa da AD é refletir sobre essas relações materializadas e presentes no discurso. A ideologia, portanto, é condição para a constituição do sujeito, de modo que, interpelado por ela, produza o dizer. Ao dizer, dar sentido e interpretar (ao mesmo tempo em que nega essa interpretação), naturaliza o que é produzido na relação do histórico e do simbólico.

Por esse mecanismo - ideológico - de apagamento das interpretações, existe a transposição de formas materiais tornadas transparentes, para serem interpretadas por determinações históricas imutáveis, naturalizadas. O trabalho da ideologia, portanto, é produzir evidências, colocando o homem na sua relação imaginária com suas condições materiais de existência (ORLANDI, 2012a). Conforme Pêcheux (1988)

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascarem, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1998, p. 160)

Vemos, dessa forma, como há um processo de naturalização dos sentidos para o sujeito que fala, enuncia. Esse processo de naturalização e transparência de sentidos provoca a ilusão de centralidade, de originalidade do dizer, ou, dito de outra forma, de “ilusão de sujeito”. Essa ilusão se realiza por meio de dois esquecimentos (nº1 e nº 2):

Do primeiro esquecimento se origina a ilusão do sujeito ser fonte de seu discurso (“o que eu digo tem o sentido que *eu quero*”, onipotência do sujeito), e do segundo se origina a ilusão da realidade do pensamento (o que eu disse *só* pode significar *x*”, onipotência do sentido). No primeiro se inscreve a “eficácia do assujeitamento” (ou ilusão da autonomia do sujeito), no segundo, a “estabilidade referencial” (ou ilusão da transparência dos sentidos). (ORLANDI, 2012b, p.144, grifos da autora)

Nas palavras de Malidier (2003), a “teoria dos dois esquecimentos” tenta pensar a ilusão constitutiva do efeito-sujeito, ou seja, a ilusão do sujeito como fonte de sentido. Para a autora, essa teoria decursa da Psicanálise. “A oposição dos dois ‘esquecimentos’ é a das zonas



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

em que eles trabalham: o pré-consciente para o ‘esquecimento número 2’, o inconsciente para o ‘esquecimento número 1’” (p. 43). Essa oposição aponta, de acordo com a autora, para uma analogia com a teoria lacaniana do *outro X Outro*. A relação de uma identificação imaginária com o outro (minúsculo), nosso semelhante, que está ao lado do ‘esquecimento número 2’, e a interpelação/assujeitamento do sujeito ao Outro (maiúsculo), o inconsciente, ao lado do ‘esquecimento número 1’. Essa analogia mostra que a busca de Pêcheux das relações entre ideologia e inconsciente foi intensa.

Continuando nossas tessituras, Pêcheux (2010), traz a formulação da existência de uma memória discursiva em que se inscrevem todos os sentidos simbolicamente e historicamente produzidos. No discurso, circulam formulações já enunciadas anteriormente que funcionam como estruturação da materialidade discursiva, se estendendo em uma dialética da repetição e da regularização:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2010, p.52)

Recorremos a Fernandes (2008), que trata a memória como condição do funcionamento discursivo. Para o autor, “os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos.” São, portanto, “[...] acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção” (p.49). Nessa linha de pensamento, destacamos que a memória não pode ser percebida como homogênea. Em consonância com Pêcheux (2010), salientamos que a memória não é uma esfera plana, cujas bordas seriam transcendentais históricos ou o conteúdo com sentido fixo, estável, homogêneo, acumulado como um reservatório. A memória é um espaço móvel de divisões, de deslocamentos e retomadas, de conflitos, polêmicas e contradiscursos. “O fato de que há um já-dito, que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 2012a, p.32).

O interdiscurso é marcado pela presença de diferentes discursos oriundos de diferentes momentos históricos e de diferentes lugares sociais, que se entrelaçam no interior de uma



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

formação discursiva dada (FERNANDES, 2008). É a observação do interdiscurso que permite remeter um dizer a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, a uma historicidade. Dito de outra forma, falar em história pressupõe, portanto, uma memória. A memória discursiva é dividida em interdiscurso e intradiscurso. O interdiscurso diz respeito ao pré-construído que atravessa os discursos e o intradiscurso é a forma que esse pré-construído passa a fazer parte do discurso do sujeito. Ou seja, o discurso também se vincula a outros discursos, o interdiscurso, entendido aqui, como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2012a, p.31). É o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, do já-dito.

A subjetividade na AD incorpora o outro como constitutivo do sujeito. Na fala, no discurso do sujeito inscrito na história (afetado pela língua e interpelado pela ideologia), outras vozes também falam. Disso decorre uma concepção de linguagem também não assentada na noção de homogeneidade. A linguagem não é transparência de sentido produzida por um sujeito homogêneo, uno. É um sujeito que divide o espaço discursivo com o outro (BRANDÃO, 2004). Esse caráter de heterogeneidade constitutiva da fala é abordado por Authier-Revuz (1990) que coloca que

Sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através do qual a análise pode tentar recuperar os indícios de “pontuação do inconsciente”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.28).

Essa concepção, advinda da Psicanálise, parte da ideia da ação do inconsciente (Outro) como porta de acesso para outros discursos, que permite conceber o discurso como um campo heterogêneo, no qual várias vozes podem ser ouvidas e reproduzidas. Lacan distingue e grava o outro (com letra minúscula), do Outro (com letra maiúscula). O primeiro é o pequeno outro, manifestado como seu semelhante. O segundo, o grande Outro, manifestado como discurso do inconsciente, é um lugar. “É de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito [...]” (QUINET, 2012, p.21).

Podemos dizer que essa ‘entrega’ ao Outro, como um lugar de referência para o sujeito, evidencia o fundamento da constituição subjetiva, já que assujeitados ao Outro, ao



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

campo simbólico e aos ditos que recebemos ‘de fora’, tecemos o que somos. Esses ditos, cabe salientar, advém dessas figuras importantes como pais, tios, avós e professores e atuam desde antes do nascimento do sujeito. Assim, Authier-Revuz (1990), propõe que o atravessamento de outros discursos constitui o dizer, embora o sujeito tenha a ‘ilusão’ de ser fonte de seu discurso pela determinação do inconsciente e do interdiscurso. O discurso, atravessado pelo inconsciente, se articula à concepção de um sujeito que não é homogêneo, exterior à linguagem, mas “resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.28).

Ou seja, a noção de sujeito abordada até aqui é constitutivamente heterogênea, na medida em que alude a presença no discurso de diferentes vozes constitutivas do sujeito; aponta para um sujeito da ideologia, mas, também, dividido (porque assume várias posições em seu discurso) e descentrado, clivado pelo inconsciente, marcado pela alteridade - importantes contribuições da Psicanálise.

Gestos de Análise

Apresentaremos agora nossos gestos de análise. Destacamos que tais gestos se constituem ‘um possível’, entre ‘outros possíveis’ gestos que são sempre inacabados, posto que sempre haverá outros sentidos a serem revelados, demarcando, portanto, a incompletude e o caráter inesgotável da(s) análise(s) do(s) discurso(s). Identificamos a professora, sujeito participante dessa pesquisa, garantindo, portanto, seu anonimato, pela nomenclatura ‘sujeito-professor A (SPA)’. Seguindo os nossos pressupostos teórico-metodológicos, selecionamos um dos recortes de nossa pesquisa em andamento, destacando-o em uma caixa de texto e sublinhamos as sequências discursivas de referência (SDR), em consonância com Courtine (1982), escolhidas por nós, que evidenciam o processo de escolha de SPA pela profissão.

Recorte 1

Tá... Foi bem engraçado... (risos). Na verdade, no começo não foi por vocação. Foi assim, naquela época, era uma época bem difícil e... tinha que escolher alguma profissão, então minha mãe falou assim, ah, então tá... escolhe uma profissão que te dê um amparo. Então o que fazer? Naquela época tinha secretariado, o magistério, né... Então eu fui pelo que eu mais gostava naquela época, eu achei o que mais me identificasse, aí eu fui pelo magistério. Aí eu



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

escolhe... escolhi o magistério, acabei gostando e acabei ficando, né... Depois fui pra faculdade e nunca mais saí (risos). SPA

Essa professora, SPA, atua na escola nos dois períodos, no segundo e quarto anos do Ensino Fundamental I. Tem 34 anos e é professora há quinze, casada e sem filhos. Quando questionada sobre sua escolha pela profissão, ela ri, lembrando o fato. Podemos tomar a SDR *‘Tá... Foi bem engraçado...’*, seguido de um episódio de riso, como uma manifestação defensiva de SPA. Para Freud, o humor, se origina no desvio da possibilidade de sofrimento. Na fala e no riso de SPA, “[...] o processo humorístico se completa em sua própria pessoa e, evidentemente, concede-lhe certo senso de satisfação” (FREUD, 2006, p.165). Dito de outra forma, ao ‘fazer piada de si mesmo’, o riso surge como uma forma de defesa contra aquilo que causa desprazer ou angústia.

Na continuidade do recorte, a SDR *‘Na verdade, no começo não foi por vocação’*, observamos o atravessamento das ideias que relacionam a profissão docente a uma vocação, dom ou missão. O atravessamento do discurso religioso produz efeito de sentido de que o ato de educar estaria marcado por sentidos de missão e sacerdócio. Os estudos de Nóvoa (1999) corroboram nosso argumento, pois, segundo o educador português, uma das imagens mais fortes e recorrentes a respeito do professor é a de missionário, a quem caberia ações de doação (amor, atenção, compreensão, conteúdos). Assim, a profissão de professor enraíza-se fortemente ao fazer ligado ao ‘dom’, ‘vocação’ ou ‘sacerdócio’, inscrevendo essa memória em formações discursivas que naturalizam os discursos atuais. Lembramos, em consonância com Pêcheux (1988), que a ideologia funciona interpelando os indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso), através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente através do interdiscurso intrincado nesse complexo) que fornece a ‘cada sujeito’ sua ‘realidade’ – no caso, a ‘verdade’ de SPA – como sistema de evidências e significações aceitas, experimentadas. Ao dizer, dar sentido e interpretar (ao mesmo tempo em que nega essa interpretação), naturaliza o que é produzido na relação do histórico e do simbólico.

Dando sequência, a SDR *‘Foi assim, naquela época, era uma época bem difícil e... tinha que escolher alguma profissão, então minha mãe falou assim, ah, então tá... escolhe*



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

uma profissão que te dê um amparo’, nos fornece indícios da ‘escolha’ pela profissão por SPA ser dada pelo Outro (discurso do inconsciente), “o desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, 2005, p.31). Se não fornecida essa ‘escolha’ inicialmente dada por uma ‘vocação’, ‘presenteada’ por um Outro ‘divinizado’ e onipresente, essa escolha é dada pela mãe, seu Grande Outro.

Destacamos, também, o estranhamento com o uso da palavra *amparo*. Nas últimas formulações freudianas sobre a feminilidade, estas fazem referência à feminilidade como uma inscrição, que promove um registro psíquico, tanto no homem quanto na mulher do erotismo- e que causaria *desamparo*. Esse desamparo, tal colocado por Birman (1999), está relacionado ao trabalho incansável que a subjetividade realiza para camuflar sua fragilidade, pela mediação do falo. A feminilidade, como efeito maior da castração, causa desamparo porque coloca o sujeito diante de sua fragmentação e imperfeição. Ou, como colocado por Birman (2001),

A construção fálica, identificada como reguladora das sexualidades masculina e feminina, seria, enfim, a busca desenfreada e desesperada pela condição humana da perfeição e da completude, contra finitude e a imperfeição, reveladas finalmente por sua origem bem pouco nobre. A feminilidade seria assim, no registro psíquico, a marca radical do que somos, pela finitude e incompletude, **humanos, demasiadamente humanos**, parafraseando Nietzsche. (BIRMAN, 2001, p.233, grifos do autor)

Diante de um desamparo, é preciso buscar algo, um objeto que forneça amparo. Em resposta à própria pergunta de SPA, *‘Então o que fazer?’*, a que ela mesmo responde: *‘Naquela época tinha secretariado, o magistério, né...’* Destacamos a repetição do uso de *‘naquela época’*, sinalizando um já-lá, algo de pré-construído. Como vimos anteriormente, na construção de uma memória histórica, os interdiscursos e as formações ideológicas sobre as ‘possibilidades’ de inserção da mulher no mercado demarcam algumas poucas alternativas. Entre elas, ser professora ou secretária. Profissões (re)conhecidamente femininas. Dessa forma, *‘naquela época’* (re)significa sentidos de um ‘tempo imposto’, determinado, já passado; como se ali, naquele momento, o sujeito tivesse feito escolhas. Sendo assim, SPA se inscreve na posição de quem justifica sua decisão, evocando uma memória que explica suas condições de produção atuais. A presença do *‘né’* sugere a busca da concordância do



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

pesquisador com relação a esta ‘afirmação’ e o sentido caminha para uma região naturalizada ideologicamente e pela possibilidade de ter sido essa sua única escolha/oportunidade. Lembrando Almeida (1998), “durante muito tempo a profissão de professora foi praticamente a única em que as mulheres puderam ter o direito de exercer um trabalho digno e conseguir uma inserção no espaço público” (p. 23). Articulando essas condições de possibilidade, mobilizamos Pêcheux, & Fuchs (1997) que traz a concepção que,

[...] a região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica: mais particularmente o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como “determinado em última instância” pela instância econômica, na medida em que aparece como uma das condições (não-econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica. (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 165)

Temos, como consequência da interpelação do sujeito pela ideologia (que também atua no inconsciente do sujeito), o assujeitamento de SPA, que é conduzida, sem saber, a ocupar o seu lugar em uma das classes sociais do modo de produção – o lugar possível, reservado à mulher – e que é assegurado, como sustenta Althusser (1996), pelos “aparelhos ideológicos do Estado”. Nessas condições, se processa a ‘escolha’ de SPA. Seria a profissão de professora, diante da realidade e das possibilidades concretas de realização do desejo, o objeto ‘escolhido’ por SPA?

Na SDR *‘Aí eu escolhe... escolhi o magistério, acabei gostano e acabei ficano, né... Depois fui pra faculdade e nunca mais saí (risos)’*, observamos a presença de um lapso, de um ato-falho. Há alguém que *escolhe*, que não SPA. Há um desejo do Outro (mãe), à qual SPA sucumbe e parece sentir-se aprisionada quando faz uso de *‘nunca mais saí’*, seguido novamente de um episódio de riso, podendo ser indício de uma forma de lidar com o desprazer e a angústia. Nesse sentido, podemos observar, gramaticalmente, o uso do gerúndio, em que SPA atribui movimento às palavras, aparentemente ‘estáticas’, como *‘gostano’* e *‘ficano’*, usando *‘gostano’* e *‘ficano’*, que geram efeito de sentido de algo que se prolonga, estende, perpetua e angustia. A angústia, de acordo com Lacan (2005), é uma manifestação específica do desejo do Outro. Por esse viés, a angústia emerge em SPA, materializada no riso contra o desprazer, diante da possibilidade de sentir-se presa ao desejo do Outro. A angústia



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

surge como uma proteção contra a objetivação do sujeito, posto que ele se coloca como objeto do desejo do Outro, do desejo da mãe.

[...] de um desejo, isto é, de uma demanda que não concerne a necessidade alguma, que não concerne a outra coisa senão meu próprio ser, isto é, que me questiona. Digamos que ele me anula. Em princípio, não se dirige a mim como presente, dirige-se a mim, se vocês quiserem, como esperado e, muito mais ainda, como perdido. Ele solicita minha perda, para que o Outro se encontre aí. Isso que é Angústia. O desejo do Outro não me reconhece. (LACAN, 2005, p.169)

Ainda de acordo com Lacan (2005), não há sujeito que não tenha que se colocar como objeto finito a que estão presos desejos finitos e que assumem aparência de infinitos apenas quando, ao fugir uns dos outros para cada vez mais longe de seu centro, afastam o sujeito de uma realização autêntica. Apresentado esses gestos analíticos por hora, tendo em vista que é uma pesquisa em andamento, seguimos trazendo algumas palavras para efeito de conclusão.

Considerações finais

Os gestos de análise empreendidos por nós, até o momento, objetivam apresentar alguns resultados preliminares, dos estudos que vimos realizando e que encontram-se em andamento. Os indícios colhidos na materialidade discursiva, na fala das professoras ouvidas por nós, nos permitem concluir que a tarefa de compor-se professor é complexa, ambígua, multifacetada e atravessada por componentes ideológicos e inconscientes e que guardam – ainda nos dias atuais - uma estreita relação entre o gênero feminino e a docência.

As análises discursivas parciais realizadas trazem indícios linguístico-discursivos que apontam para o reconhecimento de que, as professoras são capturadas ideológica e inconscientemente, no que diz respeito às suas escolhas profissionais e práticas docentes; sentidos sócio-historicamente produzidos, legitimados e naturalizados concernentes ao feminino, à profissão docente e à posição professora são observados nas formulações atuais, que atualizam a memória discursiva das mesmas. Essas conclusões parciais instigam-nos a outras problematizações sobre os processos de subjetivação docente, o feminino, a docência e os processos ideológicos e inconscientes constitutivos do sujeito e dos discursos que (re)produz.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. S. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas - IEL/UNICAMP, v.19, p.25-42, 1990.
- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ADORNO, T., ZIZEK (Org.), et al. *O Mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p.105-142
- BIRMAN, J. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- COURTINE, J. Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyses du discours. *Philosophiques*. v.9, p.239-264, 1982.
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FREUD, S. O humor. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 21. Pp 163-169.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.
- MARIANI, B. Subjetividade e imaginário linguístico. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.3, Número Especial, p.55-72, 2003. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/viewFile/246/261>. Acesso em: 24 de maio de 2014.
- NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. et al. (Orgs.). *Profissão professor*. Portugal: Porto Editora, 1999. p.13-33.
- ORLANDI, E.P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012a.
- _____. *Discurso e leitura*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012b.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: UNICAMP, 1988.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al.(Orgs.). *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2010. p.49-56.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

PÊCHEUX, M., FUCHS C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In F. Gadet e T. Hak (orgs) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia Mariani et alii. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

QUINET, A. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVA, E. M. da. *As relações de gênero no magistério: a imagem da feminização*. Vitória: Edufes, 2002.